

A rearrumação da Constituinte

Villas-Bóas Corrêa emc

O clima na Constituinte está mudando. A galopante falência dos partidos, puxada pela dissolução do PMDB, a omissão das lideranças e o encolhimento dos comandos instalaram o caos que predominou na fase inicial de inauguração dos trabalhos e do ensaio do modelo de elaboração da Constituição a partir de coisa nenhuma.

A balbúrdia também apresentou os seus aspectos positivos. Se o PMDB escondeu-se, fugindo da responsabilidade de propor um anteprojeto para o debate e a negociação, a verdade é que o leque aberto nas 24 subcomissões estimulou uma inédita participação da sociedade, mobilizada desde a série de gigantescos movimentos que se iniciam com a campanha eleitoral para os governos estaduais em 82 e alcança o seu pique na onda das diretas.

A expectativa de multidões concentradas ao redor dos vidros do Congresso frustou-se. Mas o povo organizado nas suas parcelas mais atuantes desfilou pelas salas das reuniões, apresentando as suas reivindicações, discutindo, depondo.

O tempo seguinte canalizou as sugestões peneiradas para o filtro das oito comissões temáticas. E o relator, deputado Bernardo Cabral, da Comissão de Sistematização, fez o que lhe competia, ordenando os relatórios no anteprojeto.

Aí termina uma fase e começa outra. Agora, principia a rodada decisiva, com a apresentação de emendas do plenário até o dia 13, a elaboração do novo anteprojeto para valer e as batalhas no plenário.

É evidente que as coisas se alteraram substancialmente. Em tudo e por tudo. A Constituinte tomou consciência do risco a que se estava expondo diante do esvaziamento das esperanças do perigoso e cinzento horizonte de uma profunda decepção popular. O fracasso do cruzado, quando o milagre se desfez, esvaziou as reservas da fé popular.

O que sobrou foi canalizado para a Constituinte. E, quando partidos e lideranças falharam, o instinto de sobrevivência apontou para as alternativas.

Riscado o PMDB do mapa como partido e reconhecida a sua divisão, virtualmente oficializada pela saída escapista da Convenção Nacional, o plenário derrubou as cercas e buscou organizar-se realisticamente agrupando-se em blocos identificados pelas aproximações ideológicas. Era claro o desafio para a superação de artificiais e ultrapassadas siglas e a busca de outra arrumação que partisse da evidência de que o plenário votará cada assunto polêmico no confronto entre conservadores e moderados de um lado e progressistas à esquerda.



Claro que não é tão simples assim passar uma borracha na pulverização partidária e separar 559 constituintes em dois blocos. Pouco a pouco e inexoravelmente, é para lá que a Constituinte marcha. E acelerará o passo, até a corrida, quando soar a hora do voto e, portanto, da radicalização.

Da ameaça da desarrumação, pelo visto, a Constituinte libertou-se. A articulação que está caminhando, instigada pela necessidade e deixando as velhas lideranças, mumificadas, à beira da estrada, só tende a consolidar-se na crescente simplificação. Há mais de um grupo ao centro; a esquerda não encontrou o seu ponto de fusão. Ainda há tempo e hora para tudo. Os que se juntarem de uma banda forçosamente se encontrarão.

Se um obstáculo foi vencido, restam outros. Justifica-se o relator Bernardo Cabral, alegando que não pode ser criticado pela apresentação de anteprojeto capenga na estrutura, enxundioso nos seus quinhentos e tantos artigos. Está coberto de razão. Espicaçado pelas restrições, atormentado pelas injustiças, recolheu-se à espera da forra.

Não é preciso ser adivinho para antever que o amazonense Bernardo Cabral vai ousar exatamente o oposto, calando a boca dos seus críticos. Pelo que anda dizendo ou insinuando, é evidente que o relator prepara-se para surpreender a Constituinte com um substitutivo que traga a sua marca pessoal, sucinto, sintético e propondo um texto ordenado e coerente, perfeitamente entrosado na montagem do sistema.

Estamos com duas novidades à vista. Um novo anteprojeto e uma outra composição do plenário. Somados, indicam uma resultante que aconselha a reflexão acauteladora de possíveis excessos na contramão.

Afinal, a Constituinte não pode dar o dito pelo não dito, virar as costas a tudo que se discutiu e votou nas etapas preliminares e buscar o resgate de seis meses desperdiçados numa arrancada que ignore compromissos e archive reivindicações acolhidas na tramitação pelas subcomissões, comissões e Comissão de Sistematização.

Tropeçando embora nas próprias pernas, a verdade é que muitas expectativas foram abanadas e há pretensões da sociedade que só esperam a ratificação pelo plenário.

Se a Constituinte não chegar a um amplo consenso, através de articulação generosa e desarmada, a radicalização inevitável desembocará num acerto de contas entre os dois blocos. E a maioria conservadora pode impor derrotas em cima de derrotas à minoria esquerdista. Ora, uma Constituição assumidamente reacionária, repressiva e antipopular é o que de pior pode acontecer no desfecho da transição.

A arrumação é indispensável num plenário sem partidos. Convém, porém, não esquecer que a sociedade foi chamada a falar. E falou e disse.

- 7 AGO 1987